

Êxtase Visionário Em Apocalipse

Leandro Formicki¹

Resumo

A tendência atual no meio acadêmico e em comunidades cristãs históricas em parte é a negação de fenômenos extáticos vivenciados na época do cristianismo primitivo e subsequentemente nos dias atuais. Esse posicionamento ascético é herança em partes de teólogos do passado como Rudolf Bultmann (que apoiando-se num esquema interpretativo existencialista, propõe a tarefa de “desmitologizar” a proclamação cristã, ou seja, negar a realidade dos eventos sobrenaturais que envolveram essa proclamação). Também há muitas leituras diferentes no que se refere à interpretação do Apocalipse por essas duas instituições (acadêmica e eclesiástica). Por isso, esse texto pretende mostrar que fenômenos extáticos são muito recorrentes no cristianismo primitivo, principalmente no apocalipse de João, e que a abertura do Apocalipse (1.1-3) traz indícios para o entendimento do conteúdo total do livro. Então, vamos verificar a diferença entre êxtase e transe e analisar exegeticamente a abertura do Apocalipse (1.1-3), primeiro para compreender que o êxtase não impede que a pessoa nesse estado seja incapaz de exercer suas funções com o mundo externo, e em segundo para entender do que se trata o conteúdo registrado desse fenômeno extático para a comunidade cristã na época e para comunidade cristã na atualidade.

Palavras-chaves: Êxtase Visionário – Apocalipse – Cristianismo - Exegese.

Abstract

The present trend in the academy and in historical christian communities is partly the denial of ecstatic phenomena experienced at the time of primitive Christianity and subsequently nowadays. This ascetic position is inheritance from the past theologians

¹ Graduado em Teologia pela Faculdade Teológica Batista de São Paulo, mestrando em Ciências da Religião pela Universidade Metodista de São Paulo, membro do grupo de pesquisa de apocalíptica, misticismo e fenômenos visionários: Oracula; e-mail: formicki@hotmail.com

such as Rudolf Bultmann (who stands on an existentialist structure of interpretation, proposing the task to "demythologize" the Christian proclamation, or denying the reality of the supernatural events that surrounded this proclamation) and also, there are different readings regarding the interpretation of Revelation by these two institutions (academic and ecclesiastical). Therefore, this paper aims to show that ecstatic phenomena are present in early Christianity, especially in the Revelations of John and the opening of Revelation (1:1-3), which provides clues to the understanding of the entire contents of the book. Then, we will verify the difference between ecstasy and trance and we will examine exegetically the opening of Revelation (1:1-3), first to understand that ecstasy does not prevent the person in this state is unable to perform their functions with the external world, and second to understand the content of those ecstatic phenomena at that time and for today's christian community.

Key-Words: Visionary Ecstasy – Revelation – Christianity - Exegesis.

1. A diferença de êxtase e transe

Na literatura não existe consenso na definição e diferenciação de êxtase e transe. Mas, para fins didáticos procuraremos estabelecer esta definição e diferença.

O termo "êxtase" contém vários significados diferentes. Segundo a etimologia da palavra significa "estar fora de si" ou "fora dos seus sentidos". Alguns o utilizam para designar violentas agitações do corpo, dança, canto, inspiração, arrebatamentos inefáveis, visões e alucinações.

Do ponto de vista da psicologia em geral, o êxtase é entendido por:

Alegria ou arrebatamento incontido e excessivo. Nesse estado permanece suspensa toda a atividade voluntária e também, parcialmente, as funções sensoriais e psíquicas em geral, devido à prolongada contemplação de um grupo limitado de idéias. É frequentemente observado nos delírios místicos e na histeria. Nessa condição o indivíduo parece ter perdido todo e qualquer contato com o mundo exterior.²

Não podemos concordar totalmente com essa definição, pois, passa a idéia de que a pessoa em êxtase fica impossibilitada de exercer suas funções com o mundo exterior.

² Cf. CALDERELLI, P. *Dicionário enciclopédico – Psicologia geral*, São Paulo, Formar, s.d., p. 287.

Conforme Santos, “a diferença entre transe e êxtase dá-se no nível da consciência. No êxtase, as pessoas não perdem o contato com a realidade. Não perdem sua vigilância. Mas durante o transe não há registro consciente. Não há memória”.³

O conceito que a autora expõe, expressa consideravelmente a relação que o êxtase e o transe têm com a consciência, onde, no primeiro existe a memória do fato ocorrido, e no segundo não existe esta memória. Mas, Lewis, afirma que o estado de transe pode variar em grau de intensidade:

Transe pode compreender dissociação mental completa ou apenas parcial e é, frequentemente, acompanhado de visões excitantes ou “alucinações”, cujo conteúdo nem sempre é lembrado subsequentemente de maneira tão clara.⁴

A fixação sobre um objeto escolhido traz consigo “redução do campo de consciência sobre o objeto focado; conseqüentemente existe a exclusão de outras funções ou outros interesses psíquicos”.⁵

O termo “êxtase” (“estar fora de si mesmo”) aponta para um estado de espírito que é extraordinário no sentido de que a mente transcende sua situação habitual. O êxtase não é uma negação da razão⁶. Observamos que o fenômeno extático é um estado mental em que a razão está além de si mesma, isto é, além da estrutura sujeito-objeto. Ao estar além de si mesma, a razão não nega a si mesma⁷.

Ao estar em contato com outra realidade, não implica na perda de contato com a realidade que vemos naturalmente. Mas os místicos sabem que estas atividades são apenas preparatórias e que a experiência do êxtase se deve exclusivamente à manifestação do mistério em uma situação revelatória⁸.

Em suma, a diferença entre êxtase e transe está na relação com a consciência do que está acontecendo ou não, e da tentativa de expressar o ocorrido ou não.

2. O mistério revelado

Texto grego de Apocalipse 1.1-3:

³ Cf. SANTOS, R. A. *Entre a razão e o êxtase experiência religiosa e estados alterados de consciência*, São Paulo, Loyola, 2004, p.40.

⁴ Cf. LEWIS, J. M. *Êxtase religioso – Um estudo antropológico da possessão por espírito e do xamanismo*, São Paulo, Perspectiva, 1977, p.41.

⁵ Cf. ROSA, M. *Psicologia da religião*, Rio de Janeiro, Casa Publicadora Batista, 1971, p.80.

⁶ Cf. TILLICH, P. *Teologia Sistemática*. São Leopoldo: Sinodal, 2005, p. 124.

⁷ Ibidem, p. 124.

⁸ Ibidem, p. 124, 125.

1 Ἀποκάλυψις Ἰησοῦ Χριστοῦ ἣν ἔδωκεν αὐτῷ ὁ θεὸς δεῖξαι τοῖς δούλοις αὐτοῦ ἃ δεῖ γενέσθαι ἐν τάχει, καὶ ἐσήμανεν ἀποστείλας διὰ τοῦ ἀγγέλου αὐτοῦ τῷ δούλῳ αὐτοῦ Ἰωάννῃ,

2 ὃς ἐμαρτύρησεν τὸν λόγον τοῦ θεοῦ καὶ τὴν μαρτυρίαν Ἰησοῦ Χριστοῦ ὅσα εἶδεν.

3 Μακάριος ὁ ἀναγινώσκων καὶ οἱ ἀκούοντες τοὺς λόγους τῆς προφητείας καὶ τηροῦντες τὰ ἐν αὐτῇ γεγραμμένα, ὁ γὰρ καιρὸς ἐγγύς.⁹

Tradução:

v.1 Revelação de Jesus Cristo, à qual deu a ele o Deus para mostrar aos servos dele que deve acontecer em breve e sinalizou enviando por meio do anjo dele para o servo dele João, v.2 O qual testemunhou a palavra de Deus e o testemunho de Jesus Cristo tanto quanto viu. v.3 Bem aventurado o que reconhece e os que ouvem as palavras da profecia e guarda as coisas nela escritas, pois o tempo está próximo.

Análise exegética do texto:

As primeiras palavras já trazem implicações concernentes ao significado desta “revelação”. Ἀποκάλυψις Ἰησοῦ Χριστοῦ (apocalipsis Iesu Cristu) os dois substantivos estão no caso genitivo (Ἰησοῦ Χριστοῦ) que pode ser objetivo (revelação que revela Jesus), ou, subjetivo¹⁰ (revelação que pertence a Jesus). Segundo Charles “o genitivo aqui é subjetivo. A revelação é dada por Jesus Cristo como Deus deu a ele”¹¹ O pesquisador Aune, também refere-se a esta ‘revelação’ como sendo “de Jesus Cristo”¹², sendo assim, ambos os autores afirmam que a ‘revelação’ pertence a Jesus, portanto, o genitivo subjetivo é a melhor escolha. Isso fica evidente no contexto, pois, Deus deu para Jesus a ‘revelação’, por isso, pertence a ele. O pronome relativo acusativo ἣν (en) se refere ao substantivo antecedente (Revelação de Jesus Cristo), ou seja, o acusativo é o objeto direto do verbo ἔδωκεν (edoken), por isso, quem dá, dá o que? Revelação.

⁹ Cf. Nestle-Aland, *Novum Testamentum Graece*. 27ª Edição (*Bible Works* 8.0).

¹⁰ Cf. LUZ, W. C. *Manual de Língua Grega. Vol.I*, São Paulo, Casa Editora Presbiteriana, 1991, p.75.

¹¹ Cf. CHARLES, R. H. *The International Critical Commentary. The Revelation of St. John. Volume I*. New York, Charles Scribner's Sons, 1920, p.6.

¹² Cf. AUNE, D. E. *Word Biblical Commentary. Revelation 1-5*. Dallas, Thomas Nelson, 1997, p.12.

Na seqüência está posto o verbo δειξαι (que é um infinitivo no grego), onde, já está embutida a idéia de propósito (para, a fim de), ou seja, agora essa “revelação” tem um objetivo, ser mostrada para os servos dele. Aqui começa uma discussão, se “os servos dele” refere-se a “Deus”, ou a “Jesus Cristo”. Para Charles esses “servos são de Deus, ou seja, são os profetas cristãos”¹³. Em conformidade com essa posição, Aune afirma que esses servos “refere-se a Deus em vez de Cristo”¹⁴. Os dois autores estão de acordo que “os servos dele” são de Deus, e não de Cristo, isso se deve pelo fato que o pronome possessivo αὐτοῦ (autu) se refere ao antecedente mais próximo θεός (theós). Mas, em contrapartida, eles não analisaram o fato que, os três pronomes possessivos αὐτοῦ (autu) no primeiro versículo estão no mesmo caso de Ἰησοῦ Χριστοῦ (Iesu Cristu), ou seja, no genitivo, e não concordam em caso com θεός (theós) que está no nominativo. Isso nos indica que “aos servos dele”, “do anjo dele” e “o servo dele João” são de Jesus Cristo, e não de Deus.

Esta “revelação” vai mostrar ἃ δεῖ γενέσθαι ἐν τάχει (há dei genésthai en taxei) “que deve acontecer em breve”. Segundo Charles, essa construção não denota apenas a “consumação precipitada das coisas, mas a certeza do cumprimento absoluto do propósito divino. Que este cumprimento viria em breve. Tem sido sempre a expectativa de vida e de todas as profecias apocalípticas”¹⁵. Esta certeza não está alicerçada em um futuro longínquo, mas vai acontecer em breve (com rapidez)¹⁶.

Na seqüência é relatado como foi anunciado esse acontecimento ἐσήμανεν ἀποστείλας διὰ τοῦ ἀγγέλου αὐτοῦ τῷ δούλῳ αὐτοῦ Ἰωάννῃ, (esémaven aposteílas dia tu angélu autu to dúlo Ioánne). A palavra chave em questão é σημαίνων (semaíno) que aparece seis vezes no novo testamento, três vezes no evangelho de João, duas vezes em Atos, e uma vez em Apocalipse na forma verbal ἐσήμανεν¹⁷. Essa palavra significa “sinalizar, indicar”¹⁸, mas, o sinal não tem um fim em si, ele indica algo por meio de símbolos. O verbo ἐσήμανεν tem a intenção de indicar claramente estar em tensão com o

¹³ Cf. CHARLES, R. H. *The International Critical Commentary. The Revelation of St. John. Volume I.* New York, Charles Scribner's Sons, 1920, p.6.

¹⁴ Cf. David E. AUNE. *Word Biblical Commentary. Revelation 1-5.* Dallas, Thomas Nelson, 1997, p.13.

¹⁵ Cf. CHARLES, R. H.. *The International Critical Commentary. The Revelation of St. John. Volume I.* New York, Charles Scribner's Sons, 1920, p.6.

¹⁶ Cf. RUSCONI, C. *Dicionário do Grego do Novo Testamento.* São Paulo, Paulus, 2005, p.451.

¹⁷ Cf. *Concordance to the New Testament Graece of Nestle Aland 26 Edition and to the Greek NT. Third Edition.* Berlin/New York, 1987, p.1694.

¹⁸ Cf. RUSCONI, C. *Dicionário do Grego do Novo Testamento.* São Paulo, Paulus, 2005, p.416.

caráter simbólico e enigmático de grande parte do que se segue. É usado em profecia ou contexto oracular onde o significado da profecia ou oráculo não é completamente claro¹⁹. Agora, segue a ordem do envio da mensagem, o particípio ἀποστείλας explica como o sujeito (Jesus Cristo) sinalizou, ou seja, sinalizou “enviando através do anjo para João”. Esta construção é típica da literatura apocalíptica²⁰, ao usar a expressão “literatura apocalíptica”, referimo-nos a um estilo de escrito de revelação produzido em ambientes judaicos entre mais ou menos 250 a.C. e 100 d.C. e retomado e perpetuado pela igreja cristã.²¹ Uma característica da literatura apocalíptica é a presença de uma função da figura literária que funciona como um mediador sobrenatural, um angelus interpres, anjo intérprete, este anjo pode ter desenvolvido por analogia diálogos reveladores entre Deus e um destinatário humano da revelação.²²

Segue-se no versículo 2 uma síntese do conteúdo da visão de João, começa com a expressão ὃς ἐμαρτύρησεν (ós emartúresen), que é encontrado quatro vezes e sempre com o acusativo²³. Segundo Aune esse verbo ocorre somente aqui e em 22:16, 18, 20,²⁴. O aoristo ἐμαρτύρησεν é epistolar: o autor transporta-se para o ponto de vista de seus leitores²⁵. Ele testemunhou τὸν λόγον τοῦ θεοῦ (tón tu theu), “a palavra de Deus”, esta frase ocorre sete vezes no apocalipse 1:2, 9; 6:9; 17:17 no plural 19:9; 19:13; 20:4. A construção deste versículo ὃς ἐμαρτύρησεν τὸν λόγον τοῦ θεοῦ καὶ τὴν μαρτυρίαν Ἰησοῦ Χριστοῦ (ós emartúresen tón tu theu kaí tén marturían Iesu Christu), que é usada por João sugere que ele considera-se um profeta na tradição dos profetas do Antigo Testamento que recebe a palavra de Deus (Jer 1:2, 4, 11; Joel 1:1)²⁶. ὅσα (osa), um acusativo neutro plural correlativo adjetivo de ὅσος (osos), é usado aqui para denotar tamanho ou quantidade e enfatiza a integridade da revelação transmitida por João²⁷. Entretanto, para Charles τὸν λόγον τοῦ θεοῦ não deve ser limitada em nosso texto para o Antigo Testamento. Ela abarca toda a revelação de Deus, que agora em sua plenitude

¹⁹ Cf. AUNE, D. E. *Word Biblical Commentary. Revelation 1-5*. Dallas, Thomas Nelson, 1997, p.15.

²⁰ Essa palavra deriva-se da palavra grega que significa “descobrir”, “desvelar”, em geral com referência a algo que estava oculto, mas agora foi revelado. Cf. D. S. Russel. *Desvelamento Divino. Uma introdução à apocalíptica judaica*. São Paulo, Paulus, 1997, p.25.

²¹ Ibidem, p.25,26.

²² Cf. AUNE, D. E. *Word Biblical Commentary. Revelation 1-5*. Dallas, Thomas Nelson, 1997, p.15.

²³ Cf. CHARLES, R. H. *The International Critical Commentary. The Revelation of St. John. Volume I*. New York, Charles Scribner's Sons, 1920, p.7.

²⁴ Cf. AUNE, D. E. *Word Biblical Commentary. Revelation 1-5*. Dallas, Thomas Nelson, 1997, p.19.

²⁵ Cf. CHARLES, R. H. *The International Critical Commentary. The Revelation of St. John. Volume I*. New York, Charles Scribner's Sons, 1920, p.7.

²⁶ Cf. AUNE, D. E. *Word Biblical Commentary. Revelation 1-5*. Dallas, Thomas Nelson, 1997, p.19.

²⁷ Ibidem, p.19.

é atestado por Cristo²⁸. Percebemos que esta revelação não diz respeito ao Antigo Testamento, mas, aponta para algo iminente, que não teve precedentes. Tudo que foi visto por, João, o mesmo testemunhou. Ele afirma ter visto uma mensagem, uma expressão marcante, provavelmente, com base no uso dos livros proféticos do Antigo Testamento (Amós 1:1; Habacuque 1:1)²⁹. Ainda, que a forma como foi escrita esta “revelação” (testemunhou a palavra de Deus) seja parecida com a forma de escrita de alguns profetas do Antigo Testamento, não significa que o conteúdo desta “revelação” remete-se ao mesmo período.

Por fim, chegamos ao versículo 3, que começa com a palavra Μακάριος (makários), primeira de sete bem-aventuranças no Apocalipse (14:13; 16:15; 19:9; 20:6; 22:7, 14).³⁰ Existe quatro possibilidades de entender esta declaração, mas, citaremos a que mais é utilizada. Essa forma “bem-aventurado”, como sendo uma declaração de Jesus extraída da tradição oral, onde ela poderia ter entrado no discurso cristão como uma declaração adequada para uso em determinadas situações, como em Lucas 11:28; Apocalipse 1:3; 22:7.³¹ Mas, o que é ser “Bem-aventurado”? Originalmente era uma forma paralela de *makar*, que significa “livre dos cuidados e preocupações de todos os dias”. Na linguagem poética, descreve a condição dos deuses e daqueles que compartilham da existência feliz deles.³² Com o decorrer do tempo, principalmente a partir no século IV a.C., esta palavra foi perdendo este sentido, e veio a ser uma palavra de uso comum, como nossa palavra “feliz”, sendo, portanto, evitada pelos poetas.³³ É interessante notar que Μακάριος é mais freqüente, geralmente no contexto de pronunciar bendito alguém ou alguma coisa. Das 50 ocorrências, 13 e 15 se acham em Mt e Lc, respectivamente, 7 em Paulo, apenas 2 cada em Jo, 1Pe e Tg, e 7 em Ap.³⁴ Portanto, Μακάριος é aquele que recebe algo, ou seja, provido de bens, afortunado.³⁵

Na sequência da frase está dito que só será “bem-aventurado” ὁ ἀναγινώσκων καὶ οἱ ἀκούοντες τοὺς λόγους τῆς προφητείας καὶ τηροῦντες τὰ ἐν αὐτῇ γεγραμμένα (rónaginóskon kaí oi akúontes tús Logos tes profeteías kaí teruntes tá em aute

²⁸ Cf. CHARLES, R. H. *The International Critical Commentary. The Revelation of St. John. Volume I.* New York, Charles Scribner's Sons, 1920, p.7.

²⁹ Cf. AUNE, D. E. *Word Biblical Commentary. Revelation 1-5.* Dallas, Thomas Nelson, 1997, p.19.

³⁰ Ibidem, p.19.

³¹ Ibidem, p.20.

³² Cf. BROWN, C.; COENEN, L. *Dicionário internacional de teologia do Novo Testamento. Vol.1.* São Paulo: Vida Nova, 2000, p.217.

³³ Ibidem, p.217.

³⁴ Ibidem, p.218.

³⁵ Cf. RUSCONI, C. *Dicionário do Grego do Novo Testamento.* São Paulo, Paulus, 2005, p.293.

gegraména), “o que reconhece e os que ouvem as palavras da profecia e guarda as coisas nela escritas”. Pelo fato de ἀναγινώσκων estar no singular e ἀκούοντες no plural, gera confusão na interpretação, portanto, “o que reconhece” ou “o que lê”, não é o aluno privado, mas o leitor público. No final do primeiro século o leitor foi, provavelmente, qualquer pessoa adequada, que foi nomeado para o efeito pelo presidente ou presbíteros do meio da congregação.³⁶ A meu ver, mesmo que em primeira instância a leitura pública foi um costume no cristianismo primitivo, pelo fato, de terem pessoas que não sabiam ler, ainda assim, creio que esse leitor não tinha só o papel de ler, mas, de reconhecer³⁷ o que era lido como “Revelação de Jesus” e que o conteúdo dessa revelação iria se cumprir. Portanto, a bênção pronunciada se aplica somente para aqueles que tanto ouvirem e guardarem a palavra do livro de João, uma vez que o artigo continua com os dois participios substantivos.³⁸

O termo προφητείας refere-se a composição escrita, ou pode se referir a proclamação oral.³⁹ Aqui se refere a composição escrita, ou seja, essa profecia está registrada e é para ser lida, reconhecida, ouvida, e guardada. Contudo, esta profecia não se refere a pronunciada na época do Antigo Testamento, ou seja, onde existe a possibilidade de arrependimento do erro praticado, seja da nação ou individual. A profecia aqui é de caráter apocalíptico, ou seja, a iminência da destruição do mundo presente (mau) e a instauração de um novo mundo (onde Deus reinará soberano) é certa, com isso, não há possibilidade de arrependimento e conseqüentemente de salvação dos ímpios. Nisto se vê que o terror apocalíptico é pior que a profecia veterotestamentária.

A frase ὁ γὰρ καιρὸς ἐγγύς (ró gár kairós eggús) fornece razão para ouvir e obedecer o livro revelador de João. A frase idêntica ocorre na conclusão do livro em Apocalipse 22:10, mas em nenhum outro lugar no Apocalipse ὁ καιρὸς ocorre com significado similar, com a possível exceção de 11:18, onde ὁ καιρὸς é o tempo para julgar os mortos e recompensar os justos.⁴⁰ O significado aqui é diferente, onde, ὁ καιρὸς refere-se a δεῖ γενέσθαι ἐν τάχει “que deve acontecer em breve”, mencionado no versículo 1 e certamente inclui o retorno iminente de Jesus mencionado em 22:7, 20

³⁶ Cf. CHARLES, R. H. *The International Critical Commentary. The Revelation of St. John. Volume I.* New York, Charles Scribner's Sons, 1920, p.7.

³⁷ O sentido dessa palavra literalmente é “reconhecer” o que é lido. Cf. RUSCONI, C. *Dicionário do Grego do Novo Testamento.* São Paulo, Paulus, 2005, p.40.

³⁸ Cf. AUNE, D. E. *Word Biblical Commentary. Revelation 1-5.* Dallas, Thomas Nelson, 1997, p.21.

³⁹ Ibidem, p.21.

⁴⁰ Ibidem, p.21.

(ἔρχομαι ταχύ).⁴¹ Para Charles⁴² estas palavras relatam a bem-aventurança destes que são fiéis na presente era má. Eles não terão tempo para esperar, pois, o tempo de sua libertação está próxima. A bem-aventurança, claro, é verdadeira em si mesma independentemente do tempo da consumação. É importante notar que para os destinatários, o tempo é de suma importância, pois, indicará o término do sofrimento da presente era má, então, quando acontecerá? Não se tem o dia, mês e ano deste acontecimento, mas, sabemos que acontecerá “em breve”, e que “o tempo está próximo”, mas, que tempo é este? O termo ὁ καιρὸς pode significar um ponto no tempo ou uma período de tempo, como χρόνος(crónos), é um importante termo técnico escatológico(indicado pela presença do artigo definido), que se refere à crise iminente que alcançará o mundo e que envolve um programa tradicional de eventos escatológicos.⁴³ Tanto o uso de καιρὸς como o de χρόνος (e relacionados termos temporais) no singular ou no plural refere-se a eventos que caracterizará o período imediatamente anterior ao fim, mas não o fim em si.⁴⁴ Para Cullmann⁴⁵ o Apocalipse de João (cap. 1, 3 e 11, 18), designa o momento decisivo do fim do mundo com o término *Kairós* , e diz que está próximo. Nas epístolas pastorais, se refere às etapas da história da salvação que, todavia, tem que vir. Portanto, ὁ γὰρ καιρὸς ἐγγύς pode ser entendido como “um período de tempo”, onde, ocorrerá as etapas da história da instauração de um novo mundo (inclui o juízo para os ímpios e a recompensa para os justos), e como “um ponto no tempo”, onde, a volta iminente de Jesus acontecerá em um momento específico (dia, mês e ano).

Lugar Vivencial:

Provavelmente foi o apóstolo João, “o discípulo amado”, que escreve o” Apocalipse” de Patmos, uma ilha rochosa e escarpada com cerca de dez quilômetros de largura por quinze de comprimento, situada no Mar Egeu a uns 65 quilômetros a

⁴¹ Ibidem, p.21

⁴² Cf. CHARLES, R. H.. *The International Critical Commentary. The Revelation of St.John. Volume I.* New York, Charles Scribner's Sons, 1920, p.8.

⁴³ Cf. E. AUNE, D. E. *Word Biblical Commentary. Revelation 1-5.* Dallas, Thomas Nelson, 1997, p.21.

⁴⁴ Ibidem, p.22.

⁴⁵ Cf. CULLMANN, O. *Cristo Y EL Tiempo.* Barcelona, Editorial Estela, 1968, p.29,30.

sudoeste de Éfeso.⁴⁶ A ilha era usada por autoridades romanas como local para exílio (veja Plínio, *Nat Hist.* 4.23), e João diz que esse foi o motivo de ele estar ali: “por causa da palavra de Deus e do testemunho de Jesus” (1.9).⁴⁷ João foi enviado para esta ilha, provavelmente, por uma autoridade romana local e não pelo próprio imperador.

Uma data para Apocalipse no reinado de Domiciano, provavelmente perto do fim desse reinado (digamos, 95-96), tem o apoio da maioria dos pais da igreja primitiva, Vitorino, Eusébio, Clemente de Alexandria, Orígenes e Ireneu, que estava em condições de ter informações diretas sobre o assunto.⁴⁸

É importante notar que a maioria dos estudiosos concorda que Apocalipse foi escrito num período quando os cristãos estavam sendo perseguidos de modo mais intenso que o normal (veja, 1.9; 2.13; 3-10; 6.9; 17.6; 18.24; 19.2; 20.4).⁴⁹ Segundo Pohl⁵⁰ a partir do ano 90, sob Domiciano, foi o primeiro imperador que, desde o ano 86, reivindicou a veneração de sua pessoa como deus. Com isso, o cristianismo forçosamente se tornou uma das religiões proibidas, inimiga do Estado, por causa de sua observância rígida do Primeiro Mandamento.

Estava dado, assim, o pressuposto para as grandes perseguições nos próximos dois séculos. Desse momento em diante, os cristãos estavam em insegurança legal. Cada um deles podia perder sumariamente, por causa de sua fé, os bens e a vida. Tão logo houvesse acusador, não faltaria juiz.⁵¹

Portanto, dado este contexto vivencial da época, João dirige o registro de suas visões a sete igrejas da província romana da Ásia, que abrangia aproximadamente o terço ocidental da Ásia Menor.⁵² O objetivo foi, provavelmente, mostrar que Deus agiria brevemente na história deles em particular e na história mundial, como reação a perseguição dos ímpios, estabelecendo seu reino e libertando sua igreja da perseguição.

3. Métodos de Interpretação

⁴⁶ Cf. CARSON, D. A.; MOO, D. J.; MORRIS, L. *Introdução ao Novo Testamento*. São Paulo: Vida Nova, 2007, p.526.

⁴⁷ Ibidem, p.526.

⁴⁸ Ibidem, p.527.

⁴⁹ Ibidem, p.528.

⁵⁰ Cf. POHL, A. *Apocalipse de João: Comentário Esperança*. Curitiba: Editora Evangélica Esperança, 2001, p.14.

⁵¹ Ibidem, p.14.

⁵² Cf. CARSON, D. A.; MOO, D. J.; MORRIS, L. *Introdução ao Novo Testamento*. São Paulo: Vida Nova, 2007, p.531.

Ao longo da história muitos estudiosos tentaram interpretar o Apocalipse com diferentes tipos de abordagens, mas jamais chegaram perto de uma unanimidade. Isso se deve ao fato que o Apocalipse é um livro de difícil interpretação, devido, ao seu teor simbólico e enigmático. Por isso, o presente estudo pretende mostrar os cinco grupos de interpretação, e seguir uma linha do mesmo.

1- Abordagem Preterista (histórica contemporânea): esta abordagem é a mais comum hoje em dia. Ela insiste em que as visões de João surgem e tratam de acontecimentos da própria época de João. Os símbolos das visões referem-se todas as pessoas, países e acontecimentos do mundo da época.⁵³ Segundo ela, em vista do iminente culto ao imperador, ele profetizou a ruína do Império Romano pela volta de Jesus Cristo. Seria este o sentido singelo do “em breve” de Ap 1.1 etc.⁵⁴ Mas, o Império Romano foi destruído séculos mais tarde, e não por Jesus Cristo. Falta a essa visão todo o acesso ao profetismo bíblico. Jamais o profetismo bíblico deteve-se na prisão de uma única situação. Ele sempre viveu nas correlações gerais da soberania de Deus.⁵⁵

2- Abordagem Histórica: Vários movimentos na Idade Média surgiram em meio à convicção de que o milênio estava para começar. Em apoio às suas crenças, viam em Apocalipse um esboço da história da época de Cristo até os seus próprios dias.⁵⁶ De forma contínua, esta abordagem coloca ao lado de cada unidade do Apocalipse os dados da história universal que segundo a sua opinião combinavam com ela.⁵⁷ Por mais cativante e popular que seja este método, temos de afastar-nos dele por princípio. É verdade que o Apocalipse concede, no sentido de 2Pe 1.19, —”luz no caminho” pelos séculos afora. Ele o ilumina, mas ele não é o caminho. Ele não narra de forma cifrada a história mundial. Suas 49 visões não são de qualquer forma alusões aos eventos políticos, eclesiásticos, culturais ou espirituais dos próximos 2.000 anos.⁵⁸

3- Abordagem Idealista: Alguns estudiosos estão convencidos de que estamos num caminho totalmente errado ao tentarmos identificar os acontecimentos descritos nas visões de João. Dizem que o simbolismo tem o propósito de nos ajudar a compreender a

⁵³ Ibidem, p.538.

⁵⁴ Cf. POHL, A. *Apocalipse de João: Comentário Esperança*. Curitiba: Editora Evangélica Esperança, 2001, p.28.

⁵⁵ Ibidem, p.28.

⁵⁶ Cf. CARSON, D. A.; MOO, D. J.; MORRIS, L. *Introdução ao Novo Testamento*. São Paulo: Vida Nova, 2007, p.538.

⁵⁷ Cf. POHL, A. *Apocalipse de João: Comentário Esperança*. Curitiba: Editora Evangélica Esperança, 2001, p.27.

⁵⁸ Ibidem, p.27.

pessoa de Deus e as maneiras como Deus trata o mundo em geral, e não de nos ajudar a mapear um curso de acontecimentos.⁵⁹ Neste caso, o Apocalipse não contém nem profecias autênticas para o tempo de João, nem para a época posterior, nem para o fim do fim. O aspecto profético é válido apenas como um invólucro, a ser retirado em torno do verdadeiro cerne, a saber, a instrução religiosa atemporal a respeito de fidelidade, arrependimento, esperança, oração, coragem para sofrer etc.⁶⁰

4- Abordagem Paralelismo Progressivo: O livro do Apocalipse consiste de sete seções que se desenrolam paralelamente entre si, cada uma delas retratando a Igreja e o mundo desde a época da primeira vinda de Cristo até o tempo de sua Segunda Vinda.⁶¹ A primeira seção é encontrada nos capítulos 1 a 3. A segunda seção é encontrada nos capítulos 4 a 7. A terceira seção é encontrada nos capítulos 8 a 11. A quarta seção é encontrada nos capítulos 12 a 14. A quinta seção é encontrada nos capítulos 15 a 16. A sexta seção é encontrada nos capítulos 17 a 19. E a sétima seção é encontrada nos capítulos 20 a 22.⁶² Observe que, embora estas sete seções sejam paralelas entre si, elas também revelam um certo progresso escatológico. A última seção por exemplo, nos leva mais longe, no futuro, do que as outras seções.⁶³ Embora o gozo final dos redimidos, na vida por vir, tenha sido esboçado em 7.15-17, somente encontramos uma descrição detalhada e elaborada da vida sobre a nova terra ao alcançarmos o capítulo 21 (21.1 a 22.5). Por isso este método de interpretação é denominado *paralelismo progressivo*.⁶⁴

5- Abordagem Futurista (escatológica): esta abordagem sustenta que, a partir do capítulo 4 até o final, tudo em Apocalipse se cumpre nos dias finais da história humana. O ponto de vista também se apresenta de uma forma mais moderada, segundo a qual alguns dos acontecimentos desses capítulos — em especial os primeiros — ocorrem na história antes da chegada do fim.⁶⁵

Observamos que todos esses cinco pontos de vista expressa alguma verdade, porém, nem uma visão exclusivamente preterista, nem uma visão exclusivamente

⁵⁹ Cf. CARSON, D. A.; MOO, D. J.; MORRIS, L. *Introdução ao Novo Testamento*. São Paulo: Vida Nova, 2007, p.538-539.

⁶⁰ Cf. POHL, A. *Apocalipse de João: Comentário Esperança*. Curitiba: Editora Evangélica Esperança, 2001, p.28.

⁶¹ Cf. HOEKEMA, A. *A Bíblia e o Futuro: A Doutrina Bíblica das últimas Coisas*. São Paulo: Editora Cultura Cristã, 2001, p.263.

⁶² *Ibidem*, p.263-266.

⁶³ *Ibidem*, p.266.

⁶⁴ *Ibidem*, p.266.

⁶⁵ Cf. CARSON, D. A.; MOO, D. J.; MORRIS, L. *Introdução ao Novo Testamento*. São Paulo: Vida Nova, 2007, p.527.

futurista fornece uma interpretação completa do Apocalipse. Por isso, é importante pensar o Apocalipse na tensão Já-ainda-não, que permeia o livro inteiro.⁶⁶ O livro do Apocalipse se refere tanto ao passado quanto ao futuro. Ele constrói sua expectativa pelo futuro sobre a obra que Cristo fez no passado.⁶⁷ O livro do Apocalipse, portanto, retrata a igreja de Jesus Cristo como salva, segura em Cristo, e destinada para uma glória futura - embora ainda sujeita a sofrimento e perseguição enquanto Ele demora.⁶⁸

Considerações Finais

É evidente que o autor do Apocalipse viveu uma experiência visionária extática verdadeira; o mesmo em um estado de êxtase recebeu uma revelação de ordem Divina e a relatou com plena consciência do ocorrido. Isso só vem confirmar que esse tipo de experiência era muito recorrente no cristianismo primitivo, ao contrário do que se pensa na atualidade por alguns eruditos e leigos.

No que se refere ao conteúdo do Apocalipse, a abertura do livro 1.1-3, traz indícios que o mesmo trabalha em linguagem simbólica (com muitas metáforas e alegorias), expressa também as características da literatura apocalíptica (revelação mediada por anjo, e a destruição da presente era má, e a instauração do reino de Deus), e a espera por esta instauração que será em breve.

Por fim, pensar a realização do conteúdo do Apocalipse em termos só futurísticos ou só preterista, que são as duas maneiras de interpretação mais utilizadas na atualidade é ser equivocadamente reducionista com o conteúdo do Apocalipse. Por isso, a tensão Já-ainda-não é a melhor opção para se entender o cumprimento desta revelação vivenciada pelo autor do livro, onde, é nítido que estas visões têm em si a estampa de uma experiência visionário-extática genuína.

Referências Bibliográficas

AUNE, David E. *Word Biblical Commentary. Revelation 1-5*. Dallas, Thomas Nelson, 1997.

BROWN, Colin; COENEN, Lothar. *Dicionário internacional de teologia do Novo Testamento. Vol.1*. São Paulo: Vida Nova, 2000.

⁶⁶ Cf. HOEKEMA, A. *A Bíblia e o Futuro: A Doutrina Bíblica das últimas Coisas*. São Paulo: Editora Cultura Cristã, 2001, p.84.

⁶⁷ Ibidem, p.84.

⁶⁸ Ibidem, p.84.

- CALDERELLI, Paulo. *Dicionário enciclopédico – Psicologia geral*, São Paulo, Formar, s.d.
- CHARLES, R. H. *The International Critical Commentary. The Revelation of St. John. Volume I*. New York, Charles Scribner's Sons, 1920.
- Concordance to the New Testament Graece of Nestle Aland 26 Edition and to the Greek NT*. Third Edition. Berlin/New York, 1987.
- CULLMANN, Oscar. *Cristo Y EL Tiempo*. Barcelona, Editorial Estela, 1968.
- D. A., Carson; J. MOO, Douglas; MORRIS, Leon. *Introdução ao Novo Testamento*. São Paulo: Vida Nova, 2007.
- HOEKEMA, Anthony. *A Bíblia e o Futuro: A Doutrina Bíblica das últimas Coisas*. São Paulo: Editora Cultura Cristã, 2001.
- LEWIS, Ioan M. *Êxtase religioso – Um estudo antropológico da possessão por espírito e do xamanismo*, São Paulo, Perspectiva, 1977.
- LUZ, Waldyr Carvalho. *Manual de Lingua Grega. Vol.I*, São Paulo, Casa Editora Presbiteriana, 1991.
- Nestle-Aland, *Novum Testamentum Graece. 27º Edição* (Bible Works 8.0).
- POHL, Adolf. *Apocalipse de João: Comentário Esperança*. Curitiba: Editora Evangélica Esperança, 2001.
- ROSA, Merval. *Psicologia da religião*, Rio de Janeiro, Casa Publicadora Batista, 1971.
- RUSCONI, Carlo. *Dicionário do Grego do Novo Testamento*. São Paulo, Paulus, 2005.
- RUSSEL, D. S. *Desvelamento Divino. Uma introdução à apocalíptica judaica*. São Paulo, Paulus, 1997.
- SANTOS, Rosileny Alves dos. *Entre a razão e o êxtase experiência religiosa e estados alterados de consciência*, São Paulo, Loyola, 2004.
- TILLICH, Paul. *Teologia Sistemática*. São Leopoldo: Sinodal, 2005.